



A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO E DA INCLUSÃO ESCOLAR NO TDAH – UM RELATO DE CASO

JAMILE MARIANO MACEDO; GISLAINE DE OLIVEIRA; FABIOLA LEONARDO
BARROS; MARISE CEZÁRIO GOMES

RESUMO

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um dos principais desafios enfrentados por educadores e famílias na contemporaneidade, especialmente diante de um sistema escolar que ainda se mostra despreparado para lidar com a neurodiversidade. Este trabalho apresenta o relato de caso de João (nome fictício), aluno da educação infantil diagnosticado com TDAH do tipo combinado, cuja trajetória revela os impactos da desinformação, do despreparo docente e da estigmatização sobre o processo de inclusão escolar. A primeira escola frequentada por João recusou-se a reconhecer o diagnóstico clínico, atribuindo suas dificuldades a questões familiares e comportamentais, o que resultou em um ambiente excludente e emocionalmente prejudicial. Após transferência para uma instituição com abordagem inclusiva, João passou a ser atendido por meio de estratégias pedagógicas específicas, como fracionamento de tarefas, intervalos estruturados, reforço positivo e organização da rotina, promovendo avanços significativos em seu desempenho acadêmico e bem-estar socioemocional. A metodologia adotada baseia-se na análise qualitativa do caso, fundamentada por literatura científica sobre intervenções escolares no TDAH. Os resultados ressaltam a importância do diagnóstico precoce aliado a práticas pedagógicas embasadas em evidências. A discussão enfatiza a necessidade de revisar os currículos de formação docente, incorporando conteúdos sobre transtornos do neurodesenvolvimento e práticas inclusivas, além de promover uma abordagem colaborativa entre escola, família e profissionais da saúde. O caso de João ilustra não apenas os prejuízos da negligência institucional, mas também o potencial transformador de uma educação pautada na empatia, na escuta e na personalização do ensino. Conclui-se que o sucesso escolar de crianças com TDAH depende, sobretudo, de políticas públicas comprometidas com a inclusão e de educadores preparados para acolher a diversidade como potência pedagógica.

Palavras-chave: Neurodesenvolvimento; Educação inclusiva; Formação docente.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é uma das condições neurodesenvolvimentais mais comuns na infância, afetando cerca de 5% das crianças em idade escolar em todo o mundo, conforme estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS). Esse transtorno é caracterizado por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade, podendo impactar de forma significativa o desempenho acadêmico, as relações sociais e o desenvolvimento emocional (Barkley, 2015). Embora amplamente estudado nos campos da neurociência e da psicologia, a manifestação do TDAH no ambiente escolar ainda é muitas vezes mal compreendida, o que resulta em práticas educacionais inadequadas e na estigmatização dos alunos (Polanczyk et al., 2014).

Nas últimas décadas, avanços científicos têm possibilitado um diagnóstico mais preciso e precoce do TDAH, evidenciando a importância de identificar sinais do transtorno ainda na

primeira infância (Barkley, 2015; Polanczyk et al., 2014). Intervenções precoces estão associadas a melhores prognósticos tanto no desempenho acadêmico quanto no ajustamento social. Apesar disso, observa-se um descompasso entre tais avanços e o preparo dos profissionais de educação para reconhecer sintomas do TDAH e auxiliar as famílias no processo diagnóstico. A escola, por ser o local onde a criança passa a maior parte do tempo, tem papel fundamental na identificação de comportamentos atípicos; entretanto, muitos professores carecem de formação específica para diferenciar questões comportamentais relacionadas a transtornos neurodesenvolvimentais daquelas decorrentes de fatores emocionais ou ambientais. Esse cenário pode levar a interpretações equivocadas, como a atribuição das dificuldades do aluno a supostos “problemas familiares” ou “falta de limites”, como ocorreu no caso relatado a seguir.

2 RELATO DE CASO

João (nome fictício para preservar a idade da criança), aluno do ensino infantil Pré-escolar I, apresentava, desde o início de sua vida escolar, dificuldades consideráveis para manter a atenção durante as aulas, seguir instruções e completar tarefas. Além disso, demonstrava comportamentos hiperativos e impulsivos, como levantar-se frequentemente da cadeira e interromper colegas. Esses comportamentos geravam conflitos constantes, culminando em um ciclo de repreensões, exclusão e baixa autoestima.

A mãe de João, percebendo que as dificuldades do filho não poderiam ser atribuídas apenas a “imaturidade” ou “falta de limites”, procurou avaliação especializada. O neuropediatra aplicou escalas comportamentais — incluindo a SNAP-IV — e conduziu observação em diferentes contextos. O diagnóstico de TDAH do tipo combinado, caracterizado por sintomas tanto de desatenção quanto de hiperatividade/impulsividade, foi confirmado.

Apesar do laudo médico, a primeira escola de João resistiu em aceitar o diagnóstico, atribuindo as dificuldades do aluno a um suposto “descaso familiar”. Esse posicionamento evidencia um problema estrutural ainda presente em muitas instituições de ensino: a desinformação acerca dos transtornos neurodesenvolvimentais e a propensão em patologizar comportamentos que, na verdade, demandam abordagens pedagógicas específicas (Santos e Menezes, 2020). A ausência de formação contínua dos professores e de políticas de inclusão agravou o ambiente excludente e permeado pela estigmatização.

Diante desse cenário, a família transferiu João para uma nova instituição de ensino, cuja equipe pedagógica demonstrou abertura à inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais. Em conjunto com familiares e profissionais de saúde, foi elaborado um plano de intervenção individualizado, alinhado às diretrizes de educação inclusiva. Destacaram-se as seguintes estratégias:

1. Intervalos curtos para descanso: reconhecimento da dificuldade de João em se concentrar por longos períodos, introduzindo breves pausas nas aulas.
2. Tarefas fracionadas: divisão das atividades em etapas menores, com instruções claras, visando facilitar a compreensão e a execução de cada etapa.
3. Estratégias de organização da rotina: uso de quadros de rotina e checklists, ajudando João a gerenciar tempo e materiais escolares.
4. Reforço positivo: adoção de uma abordagem que valorizasse o esforço de João, aumentando sua motivação e confiança.

Após a implementação dessas ações, houve melhora expressiva no desempenho acadêmico de João e em suas interações sociais. Ele passou a concluir tarefas com maior autonomia e demonstrar maior interesse pelas atividades escolares. A mudança para um ambiente inclusivo também favoreceu relações mais positivas com colegas e professores, diminuindo sentimentos de isolamento. A família de João relatou avanços significativos em seu bem-estar emocional e entusiasmo em relação à escola.

3 DISCUSSÃO

O caso de João evidencia problemas estruturais e práticos na inclusão de crianças com TDAH no ambiente escolar, como a dificuldade de identificação do transtorno, a formação insuficiente dos professores, a subnotificação de casos e as consequências educacionais e socioemocionais negativas decorrentes da falta de intervenções adequadas. Um dos aspectos centrais para superar esses desafios é o aprimoramento do currículo das licenciaturas, já que a formação inicial de docentes ainda não contempla, de forma satisfatória, o estudo de transtornos neurodesenvolvimentais e estratégias de ensino inclusivas (Santos e Menezes, 2020). Essa lacuna resulta em educadores despreparados para reconhecer sinais de TDAH e propor adaptações pedagógicas específicas. No caso de João, por exemplo, sua primeira escola ignorou o diagnóstico profissional e atribuiu seus comportamentos a supostas “falhas na criação”, o que reforçou a estigmatização e dificultou seu desenvolvimento. Diante desse panorama, torna-se essencial revisar currículos de formação docente, incorporando conteúdo sobre bases neurobiológicas do TDAH e estratégias pedagógicas inclusivas (DuPaul, Eckert e Vilardo, 2020). Além disso, estágios supervisionados em ambientes educacionais que promovam a inclusão de alunos com necessidades específicas podem proporcionar experiência prática e capacitar futuros professores para manejar situações diversas em sala de aula (Miranda, Presentación e Soriano, 2019).

Subnotificação e Seus Impactos

A subnotificação de casos de TDAH no contexto escolar é um fator que dificulta o acesso a intervenções precoces (Polanczyk et al., 2014). Crianças com TDAH muitas vezes não são diagnosticadas, pois seus sintomas são atribuídos a “indisciplina” ou “conduta inadequada”. Essa ausência de reconhecimento retarda o acesso a recursos e estratégias pedagógicas, prejudicando o desempenho acadêmico e o desenvolvimento socioemocional. No caso de João, a falta de compreensão do transtorno retardou a busca por soluções, perpetuando um ciclo de exclusão.

Para mitigar o problema, sugere-se que as escolas adotem protocolos de triagem e parcerias com serviços de saúde, além de treinar profissionais para reconhecer sintomas de TDAH, encaminhando o aluno para avaliação especializada quando necessário (DuPaul, Eckert e Vilardo, 2020). Essa colaboração pode reduzir a subnotificação e garantir que a criança receba o suporte apropriado no momento adequado.

Prejuízos Educacionais e Socioemocionais

A não identificação e a falta de suporte pedagógico afetam diretamente o processo de aprendizagem de alunos com TDAH. Dificuldades de atenção e impulsividade culminam em frustrações acadêmicas, com possível repercussão na autoestima e na motivação (Barkley, 2015). Além disso, conflitos recorrentes com colegas e professores podem reforçar o isolamento social e o estigma. Na trajetória de João, as punições constantes e a rejeição contribuíram para a formação de uma autoimagem negativa, revertida apenas após sua inserção em uma escola inclusiva.

Do ponto de vista técnico, práticas baseadas em evidências (por exemplo, intervalos curtos de descanso, tarefas fracionadas, estratégias de reforço positivo) são fundamentais para atenuar dificuldades acadêmicas e socioemocionais (Miranda, Presentación e Soriano, 2019). O treinamento de professores em técnicas de manejo comportamental e intervenções como a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) no contexto escolar pode favorecer o desenvolvimento de habilidades de autorregulação e de resolução de conflitos por parte dos alunos (DuPaul, Eckert e Vilardo, 2020).

A Importância de uma Abordagem Colaborativa

A cooperação entre escolas, famílias e profissionais de saúde é imprescindível para um atendimento integral a estudantes com TDAH. A instituição de ensino deve atuar como parceira no processo diagnóstico e na implementação de estratégias pedagógicas individualizadas (Santos e Menezes, 2020). O exemplo de João demonstra que uma abordagem inclusiva e cooperativa pode transformar o percurso acadêmico de um aluno com TDAH, gerando avanços tanto no desempenho escolar quanto na esfera socioemocional.

Do ponto de vista técnico, a perspectiva multidisciplinar é crucial para integrar conhecimentos da neurociência, da psicologia e da pedagogia em prol de planos de intervenção eficientes (Miranda, Presentación e Soriano, 2019). O Plano de Educação Individualizado (PEI), por exemplo, oferece a flexibilidade necessária para adaptar o currículo e as metodologias de ensino às necessidades específicas de cada aluno, favorecendo sua inclusão e desenvolvimento global.

4 CONCLUSÃO

O caso de João evidencia a urgência de aprimorar a formação dos profissionais da educação, revisar currículos de licenciatura e promover políticas públicas que assegurem a inclusão de alunos neurodivergentes. A falha profissional em reconhecer e atender às demandas educacionais de crianças com TDAH agrava problemas como subnotificação, práticas excludentes e prejuízos significativos à autoestima e à socialização.

Para que tais mudanças se efetivem, é fundamental que as escolas adotem uma postura inclusiva e colaborativa, trabalhando em conjunto com famílias e profissionais de saúde. Esse alinhamento possibilita a oferta de uma educação de qualidade e garante o pleno desenvolvimento de crianças com TDAH, atendendo às suas especificidades e potencialidades.

REFERÊNCIAS

BARKLEY, R. A. **Attention-Deficit Hyperactivity Disorder: A Handbook for Diagnosis and Treatment**. New York: Guilford Press, 2015.

DUPAUL, G. J.; ECKERT, T. L.; VILARDO, B. The effects of school-based interventions for attention deficit hyperactivity disorder: A meta-analysis. **School Psychology Review**, v. 49, n. 2, p. 123-137, 2020.

MIRANDA, A.; PRESENTACIÓN, M. J.; SORIANO, M. Effectiveness of a school-based multicomponent program for the treatment of children with ADHD. **Journal of Learning Disabilities**, v. 52, n. 1, p. 45-58, 2019.

POLANCZYK, G. V.; WILLCUTT, E. G.; SALUM, G. A.; KIELING, C.; ROHDE, L. A. ADHD prevalence estimates across three decades: An updated systematic review and meta-regression analysis. **International Journal of Epidemiology**, v. 43, n. 2, p. 434-442, 2014.

SANTOS, L. C.; MENEZES, J. Formação docente e inclusão escolar: Desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 1, p. 45-60, 2020.